

## OS CAMPOS DE ATUAÇÃO SOCIAL NA BNCC: UM ESTUDO DOCUMENTAL

Maria Valéria Siqueira Marques<sup>1</sup>

Manassés Moraes Xavier<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo geral deste artigo é discutir campos de atuação social pela via da leitura e suas perspectivas de ensino na BNCC-EM de LI com base em Bakhtin e o Círculo. Nossa pergunta de pesquisa é: Que princípios teóricos de Bakhtin e o Círculo podem estar articulados com a BNCC de Língua Inglesa? Para responder a esta pergunta elaboramos dois objetivos específicos: a) analisar a concepção bakhtiniana em relação a BNCC de LI; b) descrever as articulações dos princípios bakhtinianos com a habilidade de leitura do EM-LI. Para fundamentar este trabalho utilizaremos (Brasil, 2018), Silva (2022a), Xavier (2020) dentre outros. A Metodologia é de pesquisa qualitativa interpretativista de natureza documental e o *corpus* são os fragmentos da BNCC. Os resultados consideram o papel da leitura e a promoção de construção de sentidos expressados pelos campos de atuação social na perspectiva de Inglês que dá ênfase aos elementos multissemióticos.

**Palavras-chave:** BNCC. Campos de atuação social, leitura. Língua Inglesa.

## FIELDS OF SOCIAL ACTING: A DIALOGUE WITH THE COMMON NATIONAL CURRICULUM BASE AND THE BAKHTIN CIRCLE

**RESUMO:** The general objective of this paper is to discuss fields of social action through reading and its perspectives on teaching at CNCB of the High School English based on Bakhtin and the Circle. Our research question is: What theoretical principles of Bakhtin and the Circle can be articulated with the CNCB's English Language? To answer this question, we developed two specific objectives: a) analyze the Bakhtinian conception in relation to the CNCB of English; b) describe the articulations of Bakhtinian principles with the HS-EL in the reading ability. To theorical grounding of this paper, we will use (Brazil, 2018), Silva (2022a), Xavier (2020) among others. The research methodology is qualitative interpretive of a documentary nature and the *Corpus* is the fragments of the CNCB. The results consider the role of reading to promote the construction of meanings expressed by the social fields from English perspective that emphasizes multisemiotic elements.

**Keywords:** CNCB. Fields of Social Acting. Reading. English Language.

### Introdução

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: [valeria.siqueira@estudante.ufcg.edu.br](mailto:valeria.siqueira@estudante.ufcg.edu.br)

<sup>2</sup> Endereço eletrônico: [manassesmxaivier@yahoo.com.br](mailto:manassesmxaivier@yahoo.com.br)

Os campos de atuação social parecem-nos um estudo ainda novo no âmbito dos estudos da Base Nacional Comum Curricular-Ensino Médio (BNCC-EM), e de maneira particular ainda de Língua Inglesa (LI). As pesquisas encontradas definem estudos ligados aos campos vinculados à Língua Portuguesa (LP) e são bem iniciais, no entanto pouco fala-se de leitura de LI ligada a campos de atuação, como prescrito na BNCC-EM.

Assim, estudos recentes de Xavier (2020), Silva (2022a), Lacerda e Xavier (2023), Lino de Araújo (2020) observaram os campos de atuação para os estudos de linguagem caracterizados como inovadores por serem plásticos permissíveis a visões de mundo e por construir engajamentos e diálogos possíveis. A respeito, a BNCC-EM compreende a LI do ponto de vista global, como língua franca e segundo Brasil (2018, p. 484) “visão intercultural e ‘desterritorializada’ da Língua Inglesa – que em seus usos, sofre transformações oriundas das identidades plurais de seus falantes – consideram-se também as práticas do mundo digital, [...]”. Desta feita, a Base articula um projeto de ensino baseado nos campos de atuação social que são cinco (campo da vida pessoal, campos das práticas de estudo e pesquisa, campo jornalístico-midiático, campo de atuação da vida pública, campo artístico), a saber, na fundamentação deste artigo.

Para tanto, nossa pergunta de pesquisa versa em responder: Que princípios teóricos de Bakhtin e o Círculo a BNCC-EM de LI pode estar articulada? E como estes princípios se articulam na habilidade de leitura? Para responder a estas perguntas, elaboramos dois objetivos: a) analisar a concepção bakhtiniana em relação à BNCC de LI; e b) descrever as articulações dos princípios bakhtinianos para a leitura do EM-LI.

Estas articulações da BNCC-EM com a área de linguagens e suas tecnologias incidem em mediações relevantes ligadas aos usos de linguagens ocorridos pelas vivências humanas pelas possibilidades de leituras verbal/não verbal. Bakhtin (2016, [1952-1953]) menciona que há ainda na literatura da Linguística uma indefinição terminológica causada pela indefinição de enunciado concreto, visto apenas como aspecto predominante da unidade da língua como sistema (léxico, fonética, sílabas, gramática) de forma isolada e sem a ênfase dada ao estilo individual do falante, tampouco dado ao contexto exterior e, ainda entendido por teóricos como ‘nosso discurso’ concepção que nunca é sustentada até o fim.

Desse modo, o autor toma essa confusão, do ponto vista metodológico, como central para discussão teórica do pensamento linguístico indicando que a unidade real da

língua é o enunciado concreto desde “da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico, [...]”. (Bakhtin, 2016 [1952-1953], p. 29).

Nesse sentido, para o filósofo, é impossível a língua enquanto sistema de unidades isoladas exercerem uma comunicação real, em que se suscita uma resposta e dessa resposta, se suscita uma posição responsiva do falante tais como (afirma-objeção, afirmação-concordância, proposta-aceitação, ordem-execução, etc.) e não ser um considerado um enunciado pleno, pois tais relações se prestam somente em situações concretas de comunicação em contexto historicamente situado e nunca por uma gramaticalização isolada.

Nestes termos, a BNCC-EM insere uma mediação que estabelece um trabalho enunciativo com base no contexto real pela viabilidade das leituras de textos que a *internet* oferece possibilidades de inúmeros discursos e formas de aprofundamento de reflexão dos usos em que se pode acolher as diversidades linguísticas de um mundo multicultural e plural e disso pode-se emergir temas se possam conduzir os interesses das juventudes e inquietações.

A seguir, a seção dos campos de atuação social para a leitura de LI.

### Os campos de atuação social para a leitura de LI

De acordo com a BNCC, os campos de atuação social são cinco: (o campo da vida pessoal, o campo das práticas estudo e pesquisa, o campo jornalístico-midiático, o campo de atuação da vida pública, o campo artístico). Vejamos:

O **campo da vida pessoal** organiza-se de modo a possibilitar uma reflexão sobre as condições que cercam a vida contemporânea e a condição juvenil no Brasil e no mundo e sobre temas e questões que afetam os jovens. O **campo das práticas de estudo e pesquisa** abrange a pesquisa, recepção, apreciação, análise, aplicação e produção de discursos/textos expositivos, analíticos e argumentativos, que circulam tanto na esfera escolar como na acadêmica e de pesquisa, assim como no jornalismo de divulgação científica. O **campo jornalístico-midiático** caracteriza-se pela circulação dos discursos/textos da mídia informativa (imprensa, televisiva, radiofônica e digital) e pelo discurso publicitário. O **campo de atuação da vida pública** contempla discursos/textos propositivos/reivindicatórios (petições, manifestos etc.) O **campo artístico** é o espaço de manifestações artísticas em geral, contribuindo para a construção da apreciação estética, significativa para a constituição de identidades, a vivência de processos criativos, o reconhecimento da diversidade e da multiculturalidade e a expressão de sentimentos e emoções. (Brasil, 2018, p. 489, grifos da Base).

Estes campos são as atividades humanas e ações, cujas funções são formas de vivências e de organização da vida em práticas de linguagem dentro e fora da escola. Essas práticas possibilitam o contato com leitura de textos, ou mais especificamente, como os gêneros discursivo, entre eles os digitais.

Ao mesmo tempo, eles proporcionam possíveis modos de alcançar a autonomia das juventudes “imbricando mais ainda com as práticas de leitura e produção (e de consumo e circulação/recepção)”. (Brasil, 2018, p. 488). Nesse caso, os campos são possibilidades discursivas de leitura que constituem experiências significativas para lidar com os desafios do mundo, além disso, a BNCC-EM nos chama a atenção também para a abundância de informações dadas pela cultura digital, em que pese a apreciação estética e ética.

Como bem confirmam Silva e Xavier (2022a, p. 117), “o que já é revelado pelo próprio texto da Base, ao indicar a necessidade de se preparar o jovem para as constantes mudanças sociais e para o mercado de trabalho, indicando também o envolvimento dos jovens com os meios digitais, bem como os mais usos das tecnologias”.

Observamos que todos os campos sociais se correlacionam em função de vários discursos, sugerindo refletir sobre as condições da vida moderna, no caso, das mídias, nas quais, ocorrem uma diversidade de leituras e culturas e questões que afetam os jovens.

A proposta didática da Base é enunciativa, porque integra a língua com a vida concreta, assim, entendemos como é descrito em Bakhtin (2016 [1952-1953], p. 16) ao afirmar que a língua “opera inevitavelmente com enunciados concretos (orais e escritos) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação – anais, tratados, textos de leis, documentos de escritório e outros, diversos gêneros literários, científicos, publicísticos, cartas oficiais e comuns, réplicas do diálogo cotidiano (em todas as suas diversas modalidades), etc., [...]”, ou seja, gêneros discursivos.

Como consequência, esses gêneros do discurso circulam dentro dos campos de atuação social sendo voltados para a leitura de textos. Nessa ótica, é preciso reconhecer o *outro* (ao autor) como sendo o *outro* falante do discurso. Cremos que essa concepção surgiu no âmbito da comunicação discursiva que vê a língua como constituinte da interação entre dois ou mais seres locutor/interlocutor e ao ler os sujeitos se posicionam diante de um acontecimento concordando/discordando, seja uma reportagem, seja um texto poético verbal/não verbal, no qual, o falante do discurso pode validar também por

meio de uma interpretação não verbal que analise criticamente os aspectos semióticos que ocorrem na linguagem visual.

Fundamentamo-nos em Bakhtin (2011), Xavier (2020) e Silva (2022) e o Círculo no que concerne à essa questão de não considerar a língua enquanto, unicamente, um código linguístico. Nesse sentido, a BNCC-EM de LI aproxima-se da visão dialógica do Círculo por assumir uma concepção social de ensino de leitura interativo marcado pelos sentidos construídos sócio historicamente nas vivências do cotidiano.

A concepção subjacente da BNCC à respeito do ensino de leitura encontra respaldo em Bakhtin (2016, [1952-1953], p. 23-24) porque reforça o diálogo entre locutor/interlocutor, falantes no discurso “no fundo, a língua necessita apenas do falante – de um falante – e do objeto da sua fala, se nesse caso a língua pode servir ainda como meio de comunicação, pois é a sua função secundária, que não afeta a sua essência”.

Por isso, o autor reforça que um grupo linguístico, uma multiplicidade de falantes, jamais pode ser ignorado quando se fala da língua, e além disso, mesmo sendo um grupo de falantes a língua carece de substancialidades, ou seja, precisão discursiva, coerência de argumentos para efetuar sua materialização e a compreensão no âmbito do diálogo. O filósofo não considera o ouvinte passivo de resposta. Para ele, são *ficções*, ou seja, oriunda de concepção deturpada que foge do processo de comunicação discursiva.

A perspectiva de ensino de leitura de LI na BNCC pauta-se por meio dos gêneros do discurso seguindo a concepção de Bakhtin (2016, [1952-1953]). “Esses gêneros requerem ainda um certo tom, isto é, incluem em sua estrutura uma determinada entonação expressiva.” (Bakhtin, 2016 [1952-1953], p. 39-40). A entonação expressiva supõe a vontade discursiva do falante, por leves nuances se percebe se é seco, respeitoso, frio, caloroso, alegre, depende da individualidade do falante.

Assim, os estudantes podem conhecer diferentes dialetos e não somente à norma culta, o que implica pensar a LI como língua heterogênea, assim, como os sujeitos que a usam também o são. É dessa visão heterogênea que são mobilizados os campos de atuação social na BNCC-EM que sugerem como prioridade explorar a presença de uma multiplicidade usos da LI na cultura digital, como podemos perceber nessa afirmação que segue

No Ensino Médio, a contextualização das práticas de linguagens nos diversos campos de atuação permite aos estudantes explorar a presença da multiplicidade de usos da língua inglesa na cultura digital, nas culturas juvenis e em estudos e pesquisas, como também ampliar suas perspectivas em relação à sua vida pessoal e profissional. Além disso, abrem-se possibilidades de

aproximação e integração desses estudantes com grupos multilíngues e multiculturais no mundo globalizado, no qual a língua inglesa se apresenta como língua comum para interação. (Brasil, 2018, p. 485).

Nesse caso, os campos da Base refletem a perspectiva teórica de Bakhtin do ponto de vista da essência da língua e da necessidade do homem de auto expressar-se, e objetivar-se o papel ativo do falante num processo de interação entre dois ou mais falantes e cada um ocupa uma posição responsiva ao longo do processo de audição, assim, os sujeitos podem reagir a temática verbalmente ou gestualmente.

Para exercer um trabalho destes campos é necessário destacar que a leitura é um eixo dos trabalhos da BNCC-EM, e para compor uma definição clara de leitura da qual adotamos, neste trabalho, chamamos por Xavier (2020, p. 51)

Compreendemos que a leitura é uma atividade de um sujeito individual, inserido no social, ora assumindo o papel de leitor, enquanto agente que está recepcionando o texto, sendo o outro no jogo interativo da leitura, ora assumindo o papel de autor, enquanto agente que está consumindo/interagindo com um texto, sendo escritor, nesse caso, o outro no jogo, pois o leitor está, enunciativamente, construindo sentidos com texto lido.

O papel da leitura no ensino de línguas para a Base e para o Círculo de Bakhtin é a construção de sentidos/significados do texto lido por determinadas intenções ideológicas, do lugar ocupado pelos sujeitos e suas condições de produção materializadas no (tema, estilo e construção composicional) dos enunciados.

Nesse mesmo pensamento sobre a leitura, Mascia (2005) acrescenta que a leitura deve passar “pelo crivo das condições de produção, isto é, pelo imaginário discursivo – imagens que os interlocutores fazem de si e do outro, a partir do lugar, que ocupam no contexto histórico-social. Essas imagens constituem os discursos, o qual, por sua vez, é constituído por elas”. (p. 50).

Os campos de atuação são formas de leitura que podem contribuir para favorecer o ato de responsabilidade dos sujeitos participantes nos confrontos estabelecidos em sala de aula, bem como, da sensibilidade e colaboração com o outro no desenvolvimento do ensino de LI porque muitas vezes o erro pode tornar-se um bloqueio, nesse caso, o ensino de LI como língua franca articula-se com a prática dialógica porque implica esse olhar com o outro que o humaniza buscando na alteridade enxergar o ser como um ser dotado de vivências, histórias e subjetividades.

Gonçalves e Santos (2021, p. 82) afirmam na leitura de LI, os sujeitos devem “ser capazes de produzir e compreender enunciados, produzindo efeito de sentido intencionado, em situações reais de interação comunicativa”. Para as autoras os enunciados são entendidos tanto como texto como ponto de partida para o ensino de leitura quanto por enunciados das atividades como as tarefas propostas a partir do texto, além de ser o ponto de partida para o desenvolvimento da leitura crítica.

De acordo com Bakhtin (2016, [1952-1953], p. 74) “não há e nem pode haver textos puros”. E por trás de cada texto está um sistema de linguagem (aspecto técnico do gráfico, da obra, etc). Com efeito, o texto como enunciado é (único, singular, e nisso reside todo seu sentido e sua intenção daquilo para que ele foi criado e por isso o texto ultrapassa os limites da linguística e da filologia.

Reiterando que o ensino de línguas não é de forma alguma um processo mecânico do gênero em todos seus aspectos, mas sua finalidade é comunicativa de apropriação dos discursos motivados pelos embates e suas relações com a sociedade.

### **Os princípios dialógicos e do Círculo de Bakhtin para a BNCC-EM**

Dando continuidade, sobre a relação entre a BNCC-EM (Brasil, 2018, p. 485) com a Teoria Dialógica da Linguagem (TDL) podemos compreender semelhanças entre a BNCC-EM e a concepção bakhtiniana, em seguida vejamos:

Para orientar uma abordagem integrada dessas linguagens e de suas práticas, a área propõe que os estudantes possam vivenciar experiências significativas com práticas de linguagem em diferentes mídias (impressa, digital, analógica), situadas em **campos de atuação social** diversos, vinculados com o enriquecimento cultural próprio, as práticas cidadãs, o trabalho e a continuação dos estudos. (Brasil, 2018, p. 485, grifo da Base).

Todos os campos sugerem demandas associadas as práticas de linguagem que favoreçam a tomada e sustentação de decisão, posicionamento crítico, assumindo uma consciência crítica e reflexiva de um ponto de vista democrático. São atitudes que coagem com a concepção de responsividade da teoria bakhtiniana e dos estudos de Xavier (2020) cuja concepção agrega-se com ideia de cooperar, compartilhar e ampliar conhecimentos por meio do agir responsável e responsivo.

Nesse sentido, Bakhtin (2016 [1952-1953-1978], p. 12) afirma “a riqueza e a diversidade de gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades

da multifacetada atividade humana”. Estes são práticas de linguagens que orientam a vida das pessoas no mundo por meio da fala e da escrita e da leitura.

Os campos sociais desdobram-se em gêneros discursivos e, é na leitura que estes se concretizam pela alternância dos sujeitos nas falas entre o *eu* e o *tu*, especialmente, em campos da comunicação cultural, científica e artística. A BNCC-EM suscita o ensino de baseado em textos pertencentes aos gêneros do discurso advindos das tecnologias digitais de informação e comunicação pela motivação de que os sujeitos sejam produtores potenciais em práticas de leitura e produção de textos, bem como, (consumo, circulação e recepção).

Para BNCC-EM (Brasil, 2018) cada campo de atuação social da área de linguagens e suas tecnologias

[...] vai além de possibilitar aos estudantes vivências situadas das práticas de linguagens. Envolve conhecimentos e habilidades mais contextualizados e complexos, o que também permite romper barreiras disciplinares e vislumbrar outras formas de organização curricular (como laboratórios de comunicação e de mídias, clubes de leitura e de teatro, núcleos de criação artística e literária, oficinas culturais e desportivas, etc.). Tais formas diversificadas de organização dos espaços e tempos escolares possibilitam uma flexibilização curricular tanto no que concerne às aprendizagens definidas na BNCC, [...], como também às articulações da BNCC com os itinerários formativos. (Brasil, 2018, p. 489).

Essas vivências, na concepção bakhtiniana, são as práticas de linguagem, pelas quais os sujeitos são modelados na/pela expressão exterior, é ela que dá o tom da vivência interior, a expressão exterior é viabilizada por artefatos históricos e culturais que está entre nós sujeitos plurais e diversos.

Volóchinov (2018, [1929]), em seu livro de “Marxismo e Filosofia da linguagem” discute que há dois tipos de vivências ‘a vivência do eu’ e a ‘vivência do nós’. Assim, ‘a vivência do eu’ tende a ser eliminada e perde sua forma ideológica, deve ser concebida, aproximando-se da reação fisiológica de um animal e ‘a vivência do nós’ não é de modo algum uma vivência gregária primitiva: ela é diferenciada”.

Nesse sentido, a última é vista pela orientação social depreende-se dela o aumento da diferenciação ideológica e o aumento da consciência crítica dos sujeitos ou seja, quanto mais consciente for o sujeito de classe ou grupo social movidos por uma ação conflituosa ou não, mais a consciência interior será modificada, será preenchida por tons e entonações extraverbais, e no ensino do EM essa consciência pode ser preenchida de conhecimentos e de intelecto adquirido com o *outro* nos discursos e nas responsabilidades.

Isso indica que a escola deve pautar-se nos documentos oficiais para formação curricular dos conteúdos contextualizando-os nas (mídias, oficinas, laboratórios, clubes de leitura, teatro, etc.), de fato, torna-se essencial não aceitar currículos escolares prontos que permitam o controle do sistema educacional, pois isto aprisiona os sujeitos e limita os conhecimentos criando ainda mais desigualdades sociais.

A BNCC-EM adota o caráter de língua franca para o ensino de LI rompendo com o pensamento da língua pura e do idioma perfeito falado, apenas, por nativos dos países colonialistas, visto que, os docentes também devem desvincular-se de conteúdos sequenciais de estudos gramaticais isolados, essa concepção vai contra o pensamento do filósofo bakhtiniano ao questionar

Ademais, todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. (Bakhtin, 2011, p. 272).

Ao adotar a LI como língua franca é assumir a língua em seus usos e dialetos falados no mundo inteiro em países que veem a LI como língua global procurando ampliar possibilidades sobre a formação ética e estética dos sujeitos oportunizando saberes para viverem numa sociedade plurilíngue e multicultural.

Segundo a BNCC (2018, p. 242), considerar “o status de inglês como língua franca implica deslocá-la de um modelo ideal de falante, considerando a importância da cultura no ensino-aprendizagem da língua e buscando romper com aspectos relativos à ‘correção’, ‘precisão’, e ‘proficiência’ linguística”. Sendo assim, a Base continua afirmando que esses aspectos podem ser “substituídos por noções mais abrangentes e relacionadas ao universo discursivo nas práticas situadas dentro dos campos de atuação, como inteligibilidade, singularidade, variedade, criatividade/invenção e repertório”. (Brasil, 2018, p. 485). Esse pensamento volta-se para a teoria de Bakhtin e o Círculo no que se refere tanto ao “caráter do evento, único, singular, irrepetível, que caracteriza o ato, aquela unidade basilar da existência de cada um, no seu valor e na sua unidade de vivo devir e de autodeterminação”. (Bakhtin, 2017b, [1920-1924], p. 16).

Os gêneros discursivos poderão ampliar linguagens referidas a dialetos locais e regionais vivenciados em vários contextos por meio das mídias e das redes sociais reforçando a noção geopolítica da LI.

Por geopolítica, entende-se toda rivalidade de poderes (e de influências sobre territórios). A abordagem geopolítica de uma língua não se limita a examinar no mapa o alcance de sua extensão e seus limites com outras línguas, a constatar a coincidência (ou a não-coincidência) com as fronteiras desse ou daquele estado. Além disso, é bem raro que uma língua oficial seja a única a ser escrita e falada pela população do Estado. Com efeito, em cada Estado, há também outras línguas que ali são faladas de fato (e não necessariamente escritas) por grupos mais ou menos importantes, cuja localização suscita, ela também, numerosos problemas. (Lacoste e Rajagopalan, 2005).

Os gêneros do discurso defendidos em Bakhtin (2016, [1952-1953]) compõem os campos de atuação social na BNCC, portanto são enunciados concretos, assim, “os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes” (Bakhtin, 2016 [1952-1953], p. 29, *itálico do autor*) esse fato está relacionado a BNCC e, é norteador pela interação com os campos de atuação social, em sala de aula, ou seja, na comunicação discursiva entre docentes/discentes e textos (orais e escritos).

Passemos para a metodologia.

## Metodologia

O *corpus* deste artigo é composto por dois quadros que dizem respeito ao objetivo geral: Discutir campos de atuação social pela via da leitura e suas perspectivas de ensino na BNCC-EM de LI com base no Círculo de Bakhtin.

Os campos de atuação social via leitura associam-se a teoria do Círculo de Bakhtin ao responder sobre as vivências que se configuram como práticas de linguagens ao produzirem, no ensino de línguas, novas visões de mundo acerca dos temas sociais que a cultura digital introduz nas mídias.

Neste contexto, a leitura de LI torna-se uma oportunidade de conectar-se com textos que refratam as tanto as variantes linguísticas utilizadas por falantes do mundo inteiro quanto o debate das temáticas que refratam problemas sociais, ambientais,

cotidianos e da Ciência que ocorrem em espaços (locais e globais), além dos aspectos semióticos que causam efeitos de sentidos numa análise de leitura de línguas.

Desse modo, destacamos da BNCC-EM para o ensino de LI, o estudo de campos de atuação social que incidem na elaboração e no desenvolvimento de propostas de ação, de projetos culturais e de intervenção social em leitura, produção escrita e escuta. As temáticas sociais podem suscitar o estudo das condições de produção de textos sócio historicamente situados, bem como, elaboração de projetos coletivos de leitura acerca da vida pessoal, pública, midiática, artística e práticas de estudo e pesquisa.

Sendo assim, os dados deste artigo foram abordados a partir de dois quadros: o 1) exemplifica as articulações entre os campos de atuação social e a leitura em LI. Dessa forma, neste primeiro quadro, separamos em duas colunas os fragmentos.

A primeira coluna condiz aos fragmentos dos campos sociais retirados da BNCC-EM, ao mesmo que mostram a relevância para alcançar criticamente uma visão ampla do contexto intercultural de línguas. Esses fragmentos da BNCC-EM foram escolhidos porque se referem aos campos de atuação social em função dos conceitos abordados, da consolidação destes campos para o EM, da visão heterogênea dos campos sociais no contexto midiático, da contextualização destes para o EM, da relevância do processo de curadoria das *fake news* e dos discursos de pós-verdade no contexto tecnológico e o campo jornalístico-midiático e sua circulação nos meios de comunicação impressos e digitais), isto, porque compactuam com a visão social do Círculo de Bakhtin, partindo do principal objeto sociológico de comunicação (os textos e/ou gêneros do discurso).

E a segunda coluna condiz com os fragmentos ligados a leitura de LI da BNCC-EM e do Círculo de Bakhtin fazendo a relação entre ambas teorias. De forma sintetizada priorizamos a função dos campos de atuação social na cultura digital, práticas de leitura do campo jornalístico-midiático. O segundo quadro traz duas colunas sobre a relação entre os princípios do Círculo de Bakhtin e a BNCC-EM de LI. A primeira coluna traz fragmentos do Círculo de Bakhtin a teoria enunciativa-discursiva que comunga com o debate da BNCC-EM de LI, e ao mesmo tempo, apresentando a LI como língua franca pautada pelo estudo dos usos e pela inteligibilidade da língua.

Esses fragmentos foram escolhidos porque as práticas de leitura de LI do campo midiático têm total relação com os conceitos fundamentais do Círculo de Bakhtin quanto à enunciação de vozes nos textos, à interação, à ampliação de repertório linguístico e/ou discursivo, às análises dos signos ideológicos, aos multiletramentos e à formação da

consciência), pois são atributos essenciais para centrar o ensino de línguas, nesse caso, de LI, visto que defendemos a teoria bakhtinina como necessária às práticas escolares dos sujeitos do EM e, por isso, foram selecionados, nesse estudo, para servir de contribuição e até mesmo, criar outros vínculos com pesquisadores e com docentes de LI, na descrição dos conceitos, acima defendidos e em investimentos pedagógicos teórico-prático para a realização dessa prática educativa dialógica tornando-a real.

Em síntese, o primeiro quadro traz fragmentos que mostram a relação entre os campos de atuação social na BNCC com o eixo de leitura para o ensino de LI. E o segundo quadro apresenta fragmentos que refratam a aproximação da BNCC com a teoria do Círculo de Bakhtin.

O intuito é dar possibilidades de ensino de leitura de LI e, ao mesmo tempo, perceber se há uma relação da BNCC com a perspectiva enunciativa discursiva de Bakhtin e o Círculo. Notamos um afastamento da BNCC quanto ao estudo da língua enquanto código linguístico, porém o documento volta-se para contexto real de usos que compreendem o ILF.

A pesquisa é de ordem qualitativa interpretativista de natureza documental. Sobre isto, Gomes (1994, p. 67) notifica que os dados, às vezes, são insuficientes para estabelecermos conclusões e, em decorrência disso, devemos retornar à fase de coleta de dados para suplementarmos as informações que nos faltam. Partindo desse ponto de vista sempre que precisarmos recorrer aos dados de uma pesquisa importa renovarmos os conhecimentos que a embasam. Desta feita, esse processo de voltar aos dados da pesquisa foi feito com bastante rigor e precisão. Por isso, a análise dos dados já contempla toda a interpretação do objeto pesquisado.

Daremos início ao debate da análise do *corpus*.

### **Análise do *corpus***

Na leitura de LI enquanto geopolítica se expande historicamente a liberdade de pensar dos sujeitos do EM inserida pelos usos e dialetos, assim, desloca-se da LI ideal e correta e volta-se para a comunicação real onde os erros são maneiras de inteligibilidade da linguagem, “portanto, toda compreensão plena real é relativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que ela se dê).

[...]. O empenho em tornar inteligível a sua fala é apenas o momento abstrato do projeto concreto e pleno do discurso do falante”. (Bakhtin, 2016 [1952-1953], p. 25-26).

Os usos contemplam essa assertiva bakhtiniana porque compreende não apenas o falante do discurso também é o respondente do discurso, mas considera também os usos antecedentes, alheios dos participantes em constante interação para a compreensão da alteridade, ou seja, aprender com o outro e ser por ele constituído, por isso o ensino de língua não acontece a partir das características biológicas como pensavam os teóricos do behaviorismo e de Vossler e seus seguidores, “se era levado o papel do outro, era apenas como papel de ouvinte que apenas compreende passivamente o falante”. (Bakhtin, 2016 [1952-1953], p. 23), ao contrário, a língua é aprendida nessa diversidade e pluralidade de linguagens por meio da leitura.

A perspectiva da LI como língua franca para a etapa do EM afasta-se de seu foco tradicional de códigos e formas do ensino da precisão linguística para o foco das condições de produção de uso e isso implica dizer muda-se a forma de ensinar tradicionalmente a língua por acuidade e volta-se para o contexto intercultural da inteligibilidade.

E, uma língua marcada pelo inteligível compreende propósitos interculturais, pois não há um único inglês como dos nativos (americanos e britânicos), mas há ingleses, culturas diferentes reconhecimento de tensões e de desigualdades das reações humanas, dos tons, das entonações fomentando nas relações humanas uma crítica aos fenômenos sociais como é a proposta dialógica e responsável e responsiva de Bakhtin e o Círculo. Essas possibilidades de discursos que preveem os campos de atuação são encontradas nas leituras e nas novas maneiras de se ler no impresso ou no contexto digital.

A compreensão da LI enquanto língua franca multicultural e multilíngue não significa a desconsideração dos aspectos da linguagem relativos a gramática, pronúncia e código, porém significa haver uma centralidade de aceitação das diferentes formas de falar e se lê a LI pelo questionamento dos efeitos de sentido desses elementos gramaticais em contextos diferentes onde é língua falada.

Desta feita, a multiculturalidade dá acesso em espaços geográficos e digitais oferece a possibilidade de consciência aos sujeitos do EM de culturas variadas unam-se por interesses comuns e comuniquem-se por meio de uma língua estrangeira que não é sua língua materna, como bem defende, Rajagopalan (2005).

**Quadro 1: Articulações entre os campos de atuação social e a leitura em LI**

<b>Campos de atuação social</b>	<b>Leitura de LI</b>
1.O campo da vida pessoal, o campo das práticas estudo e pesquisa, o campo jornalístico-midiático, o campo de atuação da vida pública, o campo artístico.	1. Os campos de atuação social proporcionam possíveis modos de alcançar a autonomia das juventudes “imbricando mais ainda com as práticas de leitura e produção (e de consumo e circulação/recepção)”. (Brasil, 2018, p. 488).
2. A consolidação desses campos para a organização da área vai além de possibilitar aos estudantes vivências situadas das práticas de linguagens. Envolvem conhecimentos de habilidades mais contextualizados e complexos (como laboratórios de comunicação e de mídias, clubes de leitura e de teatro). (Brasil, 2018, p. 489).	2. Nesse sentido, os campos de atuação social, perpassam por discursos intencionais para cada atividade humana em sociedade e cada um deles precede de um tom, uma entonação, Silva (2022, p. 33) nos afirma que “é a partir da consolidação desses campos que os estudantes vivenciam práticas de linguagens situadas, mobilizando conhecimentos e habilidades”.
3. É dessa visão heterogênea que são mobilizados os campos de atuação social na BNCC-EM que sugerem como prioridade explorar a presença de uma multiplicidade usos da LI na cultura digital.	3. Bakhtin (2016 [1952-1953-1978]), Xavier (2020) e Silva (2022), entre outros, autores não consideram a língua, somente, enquanto um código linguístico.
4. De acordo com a Brasil (2018) os campos de atuação social articulam-se com as competências gerais da Educação Básica a (4,5 e 6) tratam das línguas e são indicadas as habilidades a ser alcançadas nessa etapa.	4. Brasil (2018, p. 139) nos diz que “os conhecimentos sobre a língua, as demais semioses e a norma-padrão não devem ser tomados como um lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas”,
5. No Ensino Médio, a contextualização das práticas de linguagem nos diversos campos de atuação permitem aos estudantes explorar a presença da multiplicidade de usos da língua inglesa na cultura digital. (Brasil, 2018).	5. A BNCC defende a visão intercultural e desterritorializada da LI, que em seus usos, sofre transformações oriundas das identidades de seus falantes, consideram-se também as práticas sociais do mundo digital, com ênfase nos multiletramentos. (Brasil, 2018).
6. “[...] requer, ainda, que os estudantes desenvolvam habilidades e critérios de curadoria e de apreciação ética e estética, considerando, por exemplo, a profusão de notícias falsas ( <i>fake News</i> ), de pós-verdade, do <i>cyberbullying</i> e de discursos de ódio nas mais variadas instâncias da internet e demais mídias.” (Brasil, 2018, p. 488).	6. Como consequência, esses gêneros do discurso circulam nos campos de atuação social sendo voltados para a leitura de textos, nesse sentido, há uma relação dialógica entre (o autor e o interlocutor) e o último é o <i>outro</i> participante do discurso.
7. Campo jornalístico-midiático caracteriza-se pela circulação dos discursos/textos da mídia informativa (imprensa, televisiva, radiofônica e digital) e pelo discurso publicitário. (Brasil, 2018).	7. O papel da leitura no ensino de línguas para a Base e para o Círculo de Bakhtin é a construção de sentidos/significados do texto lido por determinadas intenções ideológicas, do lugar ocupado pelos sujeitos e suas condições de produção materializadas no

(tema, estilo e construção composicional) dos enunciados.
---

Sobre a reflexão 1, o documento considera os campos de atuação social como possibilidade de entrada na cultura digital acionando diversas práticas de leitura e produção (consumo, circulação e recepção) favorecendo o intercâmbio com o contexto cultural da LI.

As reflexões 2, 3 e 4 apenas confirmam que não há língua sem historicidade o próprio Bakhtin (2016 [1952-1953], p. 220, *itálicos do autor*) discute no livro de “Marxismo e Filosofia da Linguagem” que “*a língua vive e se forma no plano histórico justamente aqui, na comunicação discursiva concreta, e não no sistema abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual do falante*”, assim, os sistemas ideológicos da moral social, da arte, da ciência, da religião cristalizam-se pela mais viva ligação orgânica com a ideologia do cotidiano, como nos fala Bakhtin (2016 [1952-1953]), “nutrem-se da seiva e fora dela estão mortos, assim como estão mortas uma obra literária finalizada ou uma ideia cognitiva fora da sua percepção avaliativa viva” (p. 213).

Assim sendo, o papel da leitura é a promoção de construção de sentidos expressados pelos campos de atuação social por perspectiva de LI que dá ênfase aos elementos multissemióticos acarretadas pelas mídias digitais. É necessário ressignificar o ensino de LI buscando a cooperação e a distribuição de conhecimentos plurais motivados pelos usos, cujo aspecto é mobilizar práticas sociais vividas no mundo.

A BNCC-EM esclarece a relevância da cultura digital através dos campos de atuação social para o ensino de línguas para concebê-la como uma língua intercultural, cuja finalidade é a de considerar as diferentes identidades dos grupos multilíngues como àqueles marginalizados e discriminados pela sociedade.

Tanto a heterogeneidade da língua como a visão intercultural defendida pela BNCC-EM de LI são formas de promover por meio dos campos de atuação social a partir da leitura sociedades democráticas buscando-se estabelecer a igualdade entre os sujeitos do EM favorecendo oportunidades significativas aos grupos marginalizados local e global. E, os projetos de intervenção de leitura de LI podem ser associados com políticas de identidade/e ou alteridade voltados para o reconhecimento dos grupos culturais e dos multilíngues contra o preconceito linguístico de falantes nativos e não nativos.

Para além do ensino intercultural da LI é preciso levar em conta o diálogo entre diferentes saberes e conhecimentos promovidos pela leitura que tratam de conflitos que emergem dos problemas sociais e passam a ser negociados pela comunicação.

Dando continuidade, os fragmentos 5 tratam da multiplicidade de usos da língua e os multiletramentos na cultura digital evidenciam as culturas juvenis na BNCC-EM com o intuito de ampliar suas perspectivas em relação à sua vida pessoal e profissional. De acordo com Brasil (2018) a cultura digital abre possibilidades de aproximação e integração desses estudantes em grupos multilíngues e multiculturais no mundo globalizado, no qual, a LI se apresenta como língua comum para a interação.

Assim, os campos de atuação social vinculam-se as práticas de leitura de LI, visto que permite compreender o carácter fluído da língua, as marcas identitárias e as singularidades de seus falantes pela via da leitura, argumentar, lidar com conflitos de opinião e expor valores com fins de ampliar a capacidade discursiva dos sujeitos.

Por isso, a visão heterogênea dos campos de atuação social permite contato real com a língua em uso por meio do material sógnico, especialmente, na cultura digital para facilitar o agir humano e ao posicionar-se acerca dos problemas sociais e assim, surge o desenvolvimento de uma consciência crítica.

Como defende o Círculo de Bakhtin, a consciência nasce através de uma cadeia ideológica no interior de duas consciências individuais, ou seja, e no ensino de línguas ocorre no debate por meio de textos em que os sujeitos adquirem uma nova visão de mundo.

Conforme Volóchinov (2018, [1929]) a consciência somente é formada pelo conteúdo ideológico, isto é, os não ditos do texto, e para que haja essa interação é necessário que dois indivíduos estejam socialmente organizados compondo uma coletividade, pois é somente o meio social e o ideológico que traz uma resposta para os diferentes argumentos.

Passando para as reflexões 7 e 8, observamos que a função social do discurso local, global ou digital, o reconhecimento do outro, os discursos intencionais são características bakhtinianas predominantes na BNCC-EM, semelhantemente, corresponde a alternância dos sujeitos pela troca dos turnos de fala, da qual, é fundamental para a representação dialógica da linguagem.

Nesse sentido, o fluxo comunicativo como bem mostra a Base foi alterado de (TV, rádio, mídia impressa) para as várias possibilidades advindas das tecnologias digitais de

informação e comunicação (TIDIC) imbricam ainda mais as práticas sociais que podem contribuir para o desenvolvimento da compreensão de leitura de LI.

A função social da LI no campo jornalístico midiático é propor questionamentos de significância para as juventudes até aquelas que as afetam em suas vivências, experiências de análises críticas, pesquisas, leitura de divulgação científica, jornalismo e a seleção de informações verdadeiras e falsas como as *fake News*, na verdade são engajamentos discursivos, no quais, os sujeitos trocam ideias e pontos de vista.

Conforme a BNCC-EM (Brasil 2018) o campo do jornalístico midiático propõe que as juventudes cheguem ao EM sendo capazes de compreender fatos e circunstâncias principais relatados: perceber a impossibilidade de neutralidade absoluta no relato de fatos; adotar procedimentos básicos de checagem de veracidade de informação; identificar diferentes pontos de vista diante de questões polêmicas de relevância social; avaliar argumentos utilizados e posicionar-se em relação a eles de forma ética; identificar e denunciar discursos de ódio e que envolvam desrespeito aos Direitos Humanos; e produzir textos jornalísticos variados, tendo em vista os contextos de produção e característicos dos gêneros.

Para tanto, o ensino de línguas pode priorizar um estudo acerca dos elementos que constroem os gêneros do discurso (conteúdo temático, estilo e construção composicional) e notavelmente, analisar as estratégias linguístico-discursivas dos textos publicitários, além do mais refletir na temática sobre as necessidades de condições de consumo. Essa seria uma possibilidade de entender os usos utilizados pelos falantes do mundo global e ao mesmo tempo, compreender o estilo de escolhas gramaticais usadas no discurso.

**Quadro 2: Articulações do Círculo de Bakhtin e a BNCC-EM em LI**

Os princípios de Bakhtin e o Círculo	A BNCC-EM de LI
1. “A riqueza e a diversidade de gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana”. (Bakhtin, 2016, p. 11).	1. [...] vai além de possibilitar aos estudantes vivências situadas das práticas de linguagens. (Brasil, 208, p. 489).
2. Nas palavras de Xavier (2020, p. 53) sobre a leitura responsável e responsiva, nos diz que, “trata-se, portanto, da constituição do sujeito, do homem. A percepção do significado, convocando signos ideologicamente situados, sintetiza a essência do que podemos definir como leitura: substantivo que nomeia o ato de ler, de compreender”.	2. Com práticas de linguagem em diferentes mídias (impressa, digital, analógica), situadas em <b>campos de atuação social</b> diversos, vinculados com o enriquecimento cultural próprio, as práticas cidadãs, o trabalho e a continuação dos estudos. (Brasil, 2018, p. 485, grifo da Base).

3. “Paralelamente, a esses estilos de linguagem, figuram como modalidades estilísticas palavras dialetais, palavras arcaicas, expressões profissionais.” (Bakhtin, 2016 [1952-1953], p. 19).	3. Ao adotar a LI como língua franca é assumir a língua em seus usos e dialetos falados no mundo inteiro em países que veem a LI como língua global procurando ampliar possibilidades sobre a formação ética e estética dos estudantes oportunizando saberes para viverem numa sociedade plurilíngue e multicultural.
4. Ser responsivo “caracteriza-se a singularidade, a peculiaridade, o monograma de cada um, em sua unicidade, em sua impossibilidade de ser substituído, em seu dever responder, sem álibi e sem exceção”. (Bakhtin, 2017 [1920-1924], p. 10).	4. Segundo a BNCC (2018, p. 242), considerar “o status de inglês como língua franca implica deslocá-la de um modelo ideal de falante, considerando a importância da cultura no ensino-aprendizagem da língua e buscando romper com aspectos relativos à ‘correção’, ‘precisão’, e ‘proficiência’ linguística”.
5. “Os signos também são objetos únicos e materiais e, como acabamos de ver, qualquer objeto de natureza, da tecnologia ou de consumo pode se tornar um signo.” (Volóchinov, 2017, [1929], p. 93).	5. “A segunda implicação diz respeito à ampliação da visão de letramento, ou melhor, dos multiletramentos, concebida também nas práticas sociais do mundo digital – no qual saber a língua inglesa potencializa as possibilidades de participação e circulação que aproximam e entrelaçam diferentes semioses e linguagens (verbal, visual, corporal, audiovisual), em um contínuo processo significativo [...]” (Brasil, 2018, p. 242).
6. “Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – ficcional, científico, sociopolítico, etc.” (Bakhtin, 2016, [1952-1953], p. 15).	6. “Assim, propostas de trabalho que potencializem aos estudantes o acesso a saberes sobre o mundo digital e as práticas da cultura digital devem também ser priorizadas já que direta e indiretamente impactam seu dia a dia nos vários campos de atuação social e despertam seu interesse e sua identificação com as TIDIC.” (Brasil, 2018, p. 487).

Nesse quadro, a leitura está associada tanto ao carácter responsável e responsivo dos falantes quanto sob o olhar da LI como uma língua franca. Ser responsivo permite dar sentidos a algo ou alguém, é a essência da linguagem, como o próprio Xavier (2020) nos diz a percepção do significado convoca signos ideologicamente situados, isto é, dá-se dentro de uma prática social, assim, o ato de ler não é somente verbal, mas necessita-se de perceber os signos, objetos de linguagem, o que nos contextos midiáticos é muito comum por toda uma simbologia neles inscritas, telas, sons, cores, movimentos, etc.

Assim, os campos de atuação na BNCC-EM de LI compactua com essa visão bakhtiniana e do Círculo de discursos que contribuem para formação cidadã das juventudes porque é uma oportunidade do agir social no mundo, de perceber as crenças e atitudes dos povos e manifestá-las positivamente para si e para construção de suas identidades.

Essa ênfase dada a língua franca e a multiculturalidade inscreve-se não somente no universo plural de práticas sociais e nos usos da linguagem, mas nas possibilidades que as mídias digitais potencializam as leituras semióticas oferecidas pela cultura digital e, é fruto da heterogeneidade bakhtiniana e plural de discursos.

Os multiletramentos também incidem na análise de materiais sígnicos e híbridos, assim, para a teoria bakhtiniana os signos refletem e refratam outra realidade e pode distorcê-la, ser fiel, percebê-la de um ponto de vista específico.

Como aponta Volóchinov (2017, [1929]) os signos consideram a avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom, etc.) aplicadas a qualquer signo. Os campos de atuação social são suscetíveis a presença dos multiletramentos são compostos por signos modos de ler textos (imagens, cores, movimentos, telas, luzes, destaques, etc.) traduzem-se em significações sociais que ampliam a visão dos sujeitos.

A Base relacionada com a LI por meio da leitura aborda as práticas sociais em uso numa visão intercultural associada a presença de dialetos e das variações linguísticas presentes diversos campos midiáticos. Para a Base torna-se uma oportunidade de aproximação e integração dos sujeitos de LI com grupos multilíngues e multiculturais no mundo globalizado, sendo o estudo dos campos de atuação social a via que conduz a essa direção oferecendo oportunidades profissionais.

A proposta enunciativa-discursiva da Base aproxima-se da teoria dialógica, na medida que, considera os componentes da área de linguagens e suas tecnologias a diversidade de usos das línguas e potencializam novas formas de conceber o ensino pelas mídias e pelas tecnologias digitais. Com isso, os gêneros digitais (*post*, *tweet*, *meme*, *mashup*, *playlist*, reportagem multimidiática, *vlog*, *videominute*, *political* remix, entre outros) podem servir de possibilidades de estudo com leitura, escuta e produção escrita potencializando a construção de sentido de textos.

Para tanto, os campos de atuação social para o ensino de LI compactuam também com a teoria de filosofia do ato responsável e responsivo do Círculo de Bakhtin, visto que este filósofo defende que “somente do interior do ato real, singular e do seu autor – único

na sua responsabilidade – é possível uma aproximação também singular e única ao existir na sua realidade concreta; somente em relação a isso pode orientar-se uma filosofia primeira.” (Bakhtin, 2017, [1920-1924], p. 79). Ou seja, ao ler textos de LI, os sujeitos podem assumir seus próprios posicionamentos sendo responsáveis pelos seus argumentos elaborados diante de uma ação textual.

No entanto, o autor defende que tal existir como evento singular não é algo pensado; tal existir é, ele se cumpre realmente e irremediavelmente através de mim e dos outros – e, certamente, também no ato de minha ação-conhecimento; ele é vivenciado, asseverado de modo emotivo-volitivo, e o conhecer não é senão um momento deste vivenciar-asseverar global. (Bakhtin, 2017 [1920-1924]).

Na interação que ocorre o ato responsável e responsivo, com relação a habilidade de leitura, Xavier (2020, p. 53) "compreender [...]. Trata-se, portanto, da constituição do sujeito, do homem. A percepção do significado, convocando signos ideologicamente situados, sintetiza a essência do que podemos definir como leitura: substantivo que nomeia o ato de ler, de compreender.” O referido estudioso afirma que assumir o papel de leitor como agente que recepciona o texto constitui ser responsável e responsivo na interação com o autor formulando diversos questionamentos à respeito do texto em estudo, pois não basta identificar o código linguístico. É necessário construir argumentos significativos dos gêneros sobre os elementos que os compõe (conteúdo temático, construção composicional e estilo) numa situação real da língua.

O autor, o ato responsável e responsivo da leitura confere ao sujeito da linguagem o envolvimento com o texto, com o sentido de dar um passo, uma tomada de posição, logo instiga o homem a realizar um feito de compreensão e percepção. (Xavier, 2020).

Por fim, os campos sociais colaboram refratam o ato responsável e o responsivo através das práticas de linguagens e refletem o desenvolvimento ético dos sujeitos na tomada de decisões e, ao mesmo tempo, que os torna responsáveis e responsivos pelos seus atos.

### **Considerações Finais**

Podemos perceber que a BNCC-EM de LI relaciona-se inteiramente com a concepção do Círculo de Bakhtin pela viabilidade dos campos de atuação social que são detalhados em gêneros do discurso, pela sua riqueza comunicativa em torno de um/uma

(tema, estilo, construção composicional) que facilita inúmeras leituras dando expressividade ao tom e aos objetos sógnicos ideológicos que possibilitam as construções de sentidos pelos sujeitos do EM melhorando ainda mais seus saberes e intelecto.

Sobre a LI como língua franca, vimos a oportunidade plural de usos que a BNCC-EM também agrega ao ensino, assim, a LI desloca-se do ensino tradicional de práticas pedagógicas em que o código e as estruturas se sobressaem ao invés dos discursos e análises do contexto gramatical real, pois é nas trocas de experiências que os jovens podem articular sintaxe a semântica esse conhecimento da unidade da língua se solidifica apenas no discurso concreto. Observamos que pelo olhar da BNCC-EM de LI desde o Ensino Fundamental que a Base vem agregando a ampliação de práticas de linguagem e repertórios linguísticos com diversidade nos campos de atuação e cogitando que se ampliem ainda mais no EM as análises críticas de textos tanto em âmbito local como global, assim, é função do EM consolidar esses espaços de discursos e aprofundá-los.

Compreendemos que esses momentos de discursividades são dados pela leitura crítica da LI, pela leitura responsável e responsiva de Bakhtin e o Círculo, pela interação e pelas relações dialógicas entre os participantes de variados usos, pelo mundo inteiro da LI. E dessas leituras surgem a essência que vai contribuir para a formação dos pensamentos firmes e fixos das juventudes, a tomada de uma consciência crítica.

Bakhtin (2016, [1952-1953]) nos fala que em uma obra, por exemplo ela recebe uma valorização social do homem ao lê-la, é permissível de saberes e diálogos que conduzem os seres a novas formas de pensamento e por isso, deve ser interpretada no espírito desse conteúdo da consciência daquele que a percebe, assim a obra recebe outros contornos porque ela está viva e presente é o próprio autor em diálogo com o leitor, e interage transformando-o.

Segundo Bakhtin (2016, [1952-1953] p. 214), a obra “preencher-se por ela e nutrir-se de sua seiva nova. [...], ela é capaz de ser viva dentro dela (é claro, em um dado grupo social). Fora dessa ligação, ela deixa de existir, por não ser vivida como algo ideologicamente significativo”. Cada temática discutida reflete um horizonte social e sem o qual as vivências não poderiam existir, pois tem um auditório social em que ela está direcionada a finalidade de atingi-lo provocando reações e formas de reagir incultando significados dos acontecimentos invocando uma justiça por exemplo, como em um fato de um jornal, ou poder de decisão de acontecimentos, ou lutas de classes, são vivências que fluem e rapidamente mudam de posição social.

Portanto, os campos de atuação social na BNCC-EM são possibilidade de construir pensamentos possíveis a respeito de um tema pela amplitude que as leituras provocam nos sujeitos. No mais, reiteramos que compreender a LI pelo olhar de uma língua franca não significa desconsiderar os aspectos linguísticos que constituem a gramática ou a pronúncia de forma adequada. No entanto, significa que descolonizar nossa compreensão para aceitá-los através de sua apropriação, pelos efeitos de sentidos que a gramática exerce no cotidiano escolar dos jovens e em momentos diferentes da história sócio ideológica e cultural.

Nossa recomendação aos futuros pesquisadores que descrevam mais *corpus* teórico-prático sobre os campos de atuação social na BNCC-EM de LI, inclusive o ensino do ILF demanda de mais literatura nesse âmbito, visto que a referida língua sempre foi, ao longo da Educação Básica, relegada ao direito de referenciar esses usos, mantendo-se sempre um ensino, na maioria das vezes, sistemático, sob a égide do cognitivismo de maneira isolada da realidade. Esperamos que o atual artigo seja uma ponte para se estabelecer vínculos com outras pesquisas, a esse respeito, unindo forças para alçar voos mais altos referentes às práticas sociais da realidade e se façam cumprir na escola pública, além disso, possibilite a consciência crítica que a BNCC-EM defende.

Finalmente, os campos sociais aproximam-se da teoria enunciativa-discursiva do Círculo de Bakhtin porque compartilha da ideia de ensino de línguas interativo dos gêneros do discurso por meio do estudo dos usos que comungam com a percepção da LI como língua franca, língua intercultural.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: 34, 2017a[1970-1971].

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011[1919-1974].

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma Filosofia do Ato Responsável**. 3. ed. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos; SP: Pedro & João, 2017b [1920-1924].

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: 34, 2016 [1952-1953].

BRASIL. **Parâmetros Nacionais Curriculares. Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Língua Estrangeira.** Brasília, 1998.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio-Brasília:** MEC/SEF, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em 30.08. 2023.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.** Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_sit e.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_sit e.pdf). Acesso em 10 de outubro de 2022.

CÁSSIO, Fernando e CATELLI JR., Roberto. **Educação é a Base? 23 educadores discutem a BNCC.** São Paulo: Ação Educativa, 2019.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças culturais, interculturalidade e educação em Direitos Humanos.** *Educ.Soc.*, Campinas, v.33, n.118, p. 235-250, jan.-mar.2012.

CORACINI, Maria José. **O jogo discursivo na aula de leitura. Língua materna e estrangeira.** Campinas – SP. Pontes, 1995.

CORACINI, Maria José. **Concepções de leitura na (Pós-) modernidade.** In: CARVALHO, Regina Célia de. e LIMA, Paschoal. (Org.). **Leitura múltiplos olhares.** Campinas, SP: Mercado de Letras: São João da Boa Vista, SP: Unifeob, 2005.

CUNHA, Érika Virgílio Rodrigues da; LOPES, Alice Casimiro. **Base Nacional Comum Curricular no Brasil: Regularidade na dispersão.** *Revista Investigación Cualitativa* 2 (2), 2017.

CURY, Carlos Roberto Jamil. REIS, Magali e ZANARDI, Teodoro Adriano Costa. **Base Nacional Comum Curricular: dilemas e perspectivas.** São Paulo: Cortez, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia saberes necessários à prática educativa.** Ed. 25ª. Paz e Terra. (Coleção leitura). ISBN 85-219-0243-3, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** 44ª ed. São Paulo Cortez, 2003.

GONÇALVES, Shirley Brito de Souza; SANTOS, Eliete Correia. **Ensino de leitura em inglês em perspectiva dialógica.** *Revista Discursividades* – vol.9.n.2 jul-dez 2021.

LACOSTE, Yves e RAJAGOPALAN. **A geopolítica do inglês.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

LACERDA, Noara Pedrosa e XAVIER, Manassés Moraes. **A Leitura e o sujeito leitor em tempos de cibercultura e ciberespaço.** Programa de Pós Graduação em Linguagem e Ensino – PPGLE. Universidade federal de Campina Grande – PB. *Revista Verbum* (ISSN 2316-3267), v. 12, n. 1, p. 162-177, mai. 2023.

LE GOFF, J. **Documento-monumento**. In: Enciclopédia Einaudi. Memória–História, Portugal; Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda: 1982.

LINO DE ARAÚJO, Denise. Org. **A BNCC de Ensino Fundamental – Anos Finais e a proposta para o componente língua portuguesa: um documento caleidoscópico**. Revista Currículo e Docência. ISSN: 2675-4630, vol. 02, nº 02, 2020.

MASCIA, Márcia Ap. Amador. **Leitura: Uma proposta discursivo-desconstrutivista**. In: CARVALHO, Regina Célia de. e LIMA, Paschoal. (Org.). **Leitura múltiplos olhares**. Campinas, SP: Mercado de Letras: São João da Boa Vista, SP: Unifeob, 2005.

MELO, Maria Helena de. **Leitura crítica: uma abordagem em língua estrangeira**. In: CARVALHO, Regina Célia de. e LIMA, Paschoal. (Org.). **Leitura múltiplos olhares**. Campinas, SP: Mercado de Letras: São João da Boa Vista, SP: Unifeob, 2005.

NASCIMENTO, Antônio Naéliton. **Propostas curriculares para o Ensino Fundamental: (Des) continuidades na Transposição Didática do eixo oralidade**. Programa de Pós Graduação em Linguagem e Ensino – PPGLE. Centro de Humanidades. Universidade Federal de Campina Grande – PB, 2022.

NASCIMENTO, Antônio Naéliton e LINO DE ARAÚJO, Denise. **A configuração teórica da produção textual na Base Nacional Comum Curricular: um olhar para a Transposição Didática**. Revista Letras Rosas. ISSN: 2347. v. 9, n. 2, 2020.

SILVA, Maria Dnalda Pereira. **Cultura digital, educação e juventudes. A BNCC do Ensino Médio em foco**. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós Graduação em Linguagem e Ensino na Universidade Federal de Campina Grande – PB. 2022a.

SILVA, Maria Dnalda Pereira; XAVIER, Manassés Moraes. **A concepção de enunciado na BNCC: possibilidades dialógicas**. Universidade Federal de Campina Grande – PB, 2022a.

SILVA, Maria Dnalda Pereira; XAVIER, Manassés Moraes. **Tecnologias Digitais e práticas de Linguagens: Para pensar a BNCC do Ensino Médio**. Revista Línguas, 2022b.

SILVA, Mônica Ribeiro da. **A BNCC da reforma do Ensino Médio: O resgate de um empoeirado discurso**. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil. Educação em Revista. Belo Horizonte. v.34 214130, 2018b.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Vencer barreiras e emergir das diversidades com pleno êxito, sempre com o pé no chão**. In: LIMA, Diógenes Cândido de. (Org.). Inglês nas escolas públicas não funciona uma questão, múltiplos olhares. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenha e poemas**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólvoa Américo. São Paulo: 34, 2019 [1926].

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: B34, 2018 [1929].

VILAÇO, Fernanda de Lacerda e GRANDE, Gabriela Claudino. **Língua Inglesa na BNCC**. In: CÁSSIO, Fernando e CATELLI JR., Roberto. **Educação é a Base? 23 educadores discutem a BNCC**. São Paulo: Ação Educativa, 2019.

XAVIER, Manassés Moraes. **Educomunicação em perspectiva dialógico-discursiva**. São Paulo: Mentis Abertas; Campina Grande: EDUFCG, 2020.

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267